

O ESPAÇO DE ESCUTA DA LITERATURA FEMININA NEGRA EM *QUEREM NOS CALAR*: POEMAS PARA SEREM LIDOS EM VOZ ALTA

THE LISTENING SPACE OF BLACK FEMININE LITERATURE IN *QUEREM NOS CALAR*: POEMAS PARA SEREM LIDOS EM VOZ ALTA

Jesuino Arvelino Pinto¹

Andreia Mineto de Paula²

Francielle da Cruz Vieira Sato³

RESUMO

A poesia brasileira contemporânea escrita, sobretudo, por mulheres negras, tem ganhado destaque nas últimas décadas, pois com as mudanças de interação entre a produção literária, público leitor e escritor (a), a recepção das poesias trouxe uma dimensão mais interativa e dinâmica. Esse panorama se deve a muitas produções literárias que são inseridas em plataformas digitais, a sites destinados ao compartilhamento de poesias e a grupos de leitura que se reúnem em movimentos de apresentações e leituras compartilhadas. Além disso, são associadas ao som, movimento, cor e também à tecnologia, por meio de gravações que impactam diretamente esse leitor contemporâneo. Uma dessas poetisas em ampla atividade e destaque é Mel Duarte, que é uma das precursoras das batalhas de rimas que integram a poesia ao *slam*. Para tal análise, o estudo foi desenvolvido a partir da leitura da obra *Querem nos calar*: poemas para serem lidos em voz alta (2019), organizada por Mel Duarte. Nesse contexto, a pesquisa problematiza, a partir de textos de Ryane Leão, Negafya e Danyeale Almeida, a escrita como provocação, resistência e luta. Desse modo, o arcabouço teórico centra-se nos estudos de Paz (1990), Garramuño (2016) e Lorde (2020). Para a identidade cultural, escrevivência, crítica feminista e lugar de fala, foram elencados os estudos de Hall (2001), Evaristo (2011) Nilma Lino Gomes (2003), bell hooks (2019) e Ribeiro (2019). Além disso, para a fundamentação teórica da Literatura contemporânea e teoria crítica, Dalcagnè (2012) e Adorno (1998).

Palavras-chave: Teorias críticas, Análise literária, Poesia.

¹ Doutor em Estudos Literários pela Universidade do Estado de Mato Grosso, Campus de Tangará da Serra. Professor Adjunto da Faculdade de Ciências Humanas e Linguagem, Universidade do Estado de Mato Grosso, Campus de Sinop. Pesquisador do INCT/CNPq "Educação Transformadora: Antirracismo, Interseccionalidade e Justiça Social na América Latina; Líder 2 do Grupo de Pesquisa "Literatura, Ensino e Sociedade", certificado pelo CNPq desde 2006 e membro do Grupo de Pesquisa "Estudos comparativos de Literatura: tendências identitárias, diálogos regionais e vias discursivas". E-mail: jesuino.pinto@unemat.br

² Doutoranda em Letras pelo Programa de Pós-graduação em Letras – PPGLetras -, Universidade do Estado de Mato Grosso. Campus de Sinop. Mestra em Ensino pela Universidade de Cuiabá (UNIC). Membro do Grupo de Pesquisa "Estudos comparativos de Literatura: tendências identitárias, diálogos regionais e vias discursivas". E-mail: andreia.mineto.paula@unemat.br

³ Mestra em Letras pelo Programa de Pós-graduação em Letras – PPGLetras -, Universidade do Estado de Mato Grosso, Campus de Sinop. Membro do Grupo de Pesquisa "Estudos comparativos de Literatura: tendências identitárias, diálogos regionais e vias discursivas". E-mail: francielle.vieira@unemat.br

ABSTRACT

Contemporary Brazilian poetry, written primarily by Black women, has gained prominence in recent decades. With changes in the interaction between literary production, the reading public, and the writer, the reception of poetry has taken on a more interactive and dynamic dimension. This is due to many literary works being incorporated into digital platforms, websites dedicated to sharing poetry, and reading groups that meet for presentations and shared readings. Furthermore, they are associated with sound, movement, color, and technology through recordings that directly impact the contemporary reader. One of these highly active and prominent poets is Mel Duarte, a pioneer of rhyme battles that integrate poetry with the slam scene. This study was developed through an analysis of the work *Querem nos calar: poemas para serem lidos em voz alta* (2019), organized by Mel Duarte. Within this context, the research problematizes writing as a provocation, resistance, and struggle, focusing on texts by Ryane Leão, Negafya, and Danyele Almeida. Thus, the theoretical framework centers on the studies of Paz (1990), Garramuño (2016), and Lorde (2020). For discussions on cultural identity, *escrevivência*, feminist criticism, and standpoint (*lugar de fala*), the study draws on Hall (2001), Evaristo (2011), Nilma Lino Gomes (2003), bell hooks (2019), and Ribeiro (2019). Additionally, the theoretical foundation for contemporary literature and critical theory is supported by Dalcastagnè (2012) and Adorno (1998).

Keywords: Critical theories, literary analysis, poetry.

Introdução

A literatura escrita por mulheres tem ganhado grande destaque nos últimos tempos, principalmente porque o espaço de escrita foi ampliado pelos estudos, pesquisas e divulgação de trabalhos no meio acadêmico. Além disso, a poesia que trata sobre a escrita de mulheres negras é desenvolvida por escritoras engajadas com a divulgação dessa produção nas mídias.

Uma forma de ampliar o repertório dessas produções ocorre pela publicação de coletâneas, em que várias escritoras divulgam suas poesias a partir de uma proposta de trabalho, pois esse movimento fortalece a escrita e amplia o número de leitores. Para tanto, a leitura e a escrita de poesia oportunizam mais contato com a reflexão e arte literária.

Nesse sentido, a coletânea de textos poéticos organizados por Mel Duarte oferece, ao leitor, a compreensão de assuntos pertinentes à sociedade, o

desenvolvimento do senso crítico e a possibilidade de que cada indivíduo se aproxime da cultura, da história e das relações humanas. Entretanto, “[...] a poesia não é apenas sonho e imaginação; ela é o esqueleto que estrutura nossa vida. Ela estabelece os alicerces para um futuro de mudanças, uma ponte que atravessa o medo que sentimos (Lorde, 2020, p. 47).”

Portanto, ao analisar as poesias de escritoras negras, pode-se entender melhor o papel da mulher no cenário literário, principalmente em relação a sua competência ao promover discursos emancipatórios. Além disso, essa análise mostra como a literatura negra continua sendo importante para valorizar o trabalho de autoras que deslocam um olhar mais sensível em suas produções poéticas.

A resistência e a ancestralidade na poética de Ryane Leão

Ryane Leão é, na contemporaneidade, uma das principais escritoras da *Instapoesia* brasileira. Ela escreve poesias que defendem o ser humano na sua integralidade e seus direitos, com um foco especial nas mulheres negras empoderadas e nas questões raciais. A autora produz poesias e performances de *slam*, e suas obras trazem a história de muitas mulheres que foram silenciadas no processo histórico e social. De igual maneira, “pela palavra poética, inscreve-se, então, o que o mundo poderia ser. E, ao almejar um mundo outro, a poesia revela o seu descontentamento com uma ordem previamente estabelecida (Evaristo, 2011, p. 09).”

Um dos espaços que podem ser otimizados pela reflexão da poesia são os lugares de encontro, como é caso da internet, a qual possibilita o compartilhamento de textos, obras literárias, vídeos e documentários. Ao mesmo tempo, “longe de se restringir aos círculos literários, a poesia se expandiu para novos meios e ganhou novas funções (Alvarenga, 2022, p. 12).” Além disso, essa alternativa tem se tornado mais acessível à população que tem a intenção de aprofundar seus estudos sobre a cultura negra.

A poesia, assim como a história, é um espaço capaz de construir versos que desafiam as normas tradicionais, tendo o poder de questionar, transformar e romper com categorias que muitas vezes são vistas como naturais no âmbito literário de sua conceituação. Nessa ordem, “a interação direta entre poetas e leitores nas plataformas digitais tem desafiado as convenções tradicionais da literatura, fazendo com que a

poesia seja agora uma forma de comunicação fluida, instantânea e colaborativa (Carrilho, 2023, p. 83).”

Assim, as palavras representam uma dimensão essencial para a reflexão crítica. Por isso, “ignorar essa abertura é reforçar o papel da literatura como mecanismo de distinção e hierarquização social, deixando de lado suas potencialidades como discurso desestabilizador e contraditório (Dalcastagnè, 2012, p. 12).”

Então, na poesia de Ryane Leão, a temática dos versos assume uma dinâmica que potencializa a luta de um grupo e pela vontade de manter viva a memória das mulheres negras que surgiram antes dela, pois aparecem na escrita como personagens que resistiram à violência e o preconceito, as quais atravessam diferentes épocas e lugares.

precisamos escutar
pra lembrar a nossa voz
eu me lembro bem
a primeira vez que vi uma mulher negra
declamar (Leão, 2019, p. 255)

Desse modo, Ryane Leão estabelece um vínculo direto com a ancestralidade, pois seus versos trazem à tona uma linguagem sensível que desloca o olhar do leitor para a reflexão que dialoga com a contemporaneidade. Além disso, os versos potencializam a resistência feminina, evidenciando a luta pelos direitos femininos com seu lugar de fala e escuta. “O poeta não escapa à história, inclusive quando a nega ou a ignora. Suas experiências mais secretas ou pessoas se transformam em palavras sociais, históricas. Ao mesmo tempo, e com essas mesmas palavras, o poeta diz outra coisa: revela o homem (Paz, 1990, p. 55).”

A identidade de uma mulher negra perpassa, de um modo geral, pelo reflexo cultural e social presente em suas experiências de vida, além, é claro, das percepções que são estabelecidas por suas ideologias e interações nos espaços coletivos. Logo, “não devemos falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento (Hall, 2001, p. 38).”

Não serei anônima
falarei meu nome repetidas vezes
contarei sobre todas as que vieram
antes de mim
uma por uma

não adianta tapar os ouvidos
porque cicatriz aberta
não ecoa só por fora
mas por dentro
verão minha existência
escorrendo
em todos os becos
em todos os muros
em todas as margens
em todos os centros (Leão, 2019. p. 244)

No poema “não serei anônima”, a voz do eu lírico conta sua trajetória, mas essa narrativa também está conectada às diversas formas de imprimir a realidade e memória das mulheres de origem negra, que são nomeadas como “todas que vieram antes de mim”. Sob essa lógica, a ideia de escrever sobre si mesma, e sobre outras mulheres, fica evidente na poética de Ryane Leão, pois as palavras são organizadas para potencializar os versos. Assim, “o papel das escritoras é escrever e inscrever a memória do povo negro pelo olhar de dentro; um olhar que recusa as omissões que a sociedade brasileira, sob a égide do mito da democracia social e racial, impôs e ainda impõe à população afro-brasileira” (Figueiredo, 2009, p. 104).”

Ryane Leão mostra como a escrita pode ser uma forma de refletir sobre quem somos, unindo a criticidade da poesia à consciência política, a fim de transformar a realidade social em uma só expressão, capaz de possibilitar o engajamento da literatura. Portanto, “[...] nos lugares em que as palavras das mulheres clamam para serem ouvidas, cada uma de nós devemos reconhecer a nossa responsabilidade de buscar essas palavras, de lê-las, de compartilhá-las e de analisar a pertinência delas na nossa vida (Lorde, 2020, p. 54).”

Sob essa lógica, os versos estabelecem uma relação de manifesto em sua poética, pois é desenvolvida uma análise literária que descreve a invisibilização e o silenciamento sofridos por essas minorias. Desse modo, seus poemas reverberam histórias reais vivenciadas por muitas mulheres negras que foram marcadas pela desigualdade social e pelo racismo estrutural que permeiam o trabalho, as relações sociais, políticas e culturais. Assim, “[...] aquilo que se esconde nas próprias dobras do texto: o que muda não é tão só a paisagem, ou os modos de relacionamento dessa paisagem de contradições, mas a maneira de ir conferindo significações aos estágios de compreensão da mudança (Barbosa, 1986, p. 82).”

Às vezes

nunca mais fui a mesma
pensei que nada intimida
as que carregam batalhas nos olhos
que somos muitas as que continuam
e que eu também poderia escrever poemas
pra chamar de lar
desde então
me escolhi
me acolhi
e nunca mais
andei só (Leão, 2019, p. 255)

No poema “Às vezes”, escrito por Ryane Leão, percebe-se que a linguagem é desenvolvida com subjetividade, a autora recorre a muitos aspectos para o retorno dessas memórias, que se misturam com histórias da negritude e também com a origem dos povos africanos. Ela descreve informações sobre suas avós, sobre as raízes culturais que foram silenciadas, além de apresentar novas características associadas à força e à beleza, rompendo com os estigmas que eram estabelecidos às personagens negras na literatura brasileira. Para tanto, “[...] o poema se torna o espaço da destruição de uma simbologia estereotipada (Bernd, 1988, p. 77).”

Ryane Leão aborda, em seu texto, a questão da identidade ao destacar o corpo negro como uma característica essencial, tanto na aparência quanto na postura e representatividade. Ela desafia a visão tradicional descrita pelos autores da literatura ocidental, que costumam associar o corpo ao trabalho e a uma imagem convencional, muitas vezes carregada de qualidades negativas que desumanizam e desqualificam a etnia negra. “Se mulheres, sobretudo negras, estão num lugar de maior vulnerabilidade social justamente porque essa sociedade produz essas desigualdades, se não se olhar atentamente para elas, se impossibilita o avanço de modo mais profundo (Ribeiro, p. 25, 2019).”

Dessa maneira, estudar a cultura negra é de suma importância para o desenvolvimento social e cultural de uma nação, pois compreender as relações inerentes ao processo histórico vai além de uma formação escolar. Para tanto, os discursos de igualdade racial devem ser organizados em pautas constantes de discussão, já que é necessário vislumbrar a construção de uma sociedade plural, a qual possa ser enriquecida por todas as culturas e formações étnicas presentes no contexto brasileiro.

O estereótipo do corpo negro e luta pela liberdade na poesia de Negafya

A perspectiva de análise poética, que envolve corpo e território, descreve situações

que se aplicam ao âmbito individual e coletivo, além de propor uma relação que transfigure as experiências como ato político e emancipatório em prol da cidadania. Esses reconhecimentos ampliam e convocam a população a assumir seu processo formativo enquanto cidadão.

[...] Eu sou a carne mais barata do mercado e você também é.
Então eu o convoco pra essa guerra não declarada. Vamos
usar a nossa arma, que é a palavra, e sim, se for preciso,
pegaremos em armas. Nossos irmãos já morrem por nada,
então dessa vez morremos por uma causa, que é a luta pela
vida, a luta pela liberdade (Lima, 2019, p. 216).

A poesia “Convocação” de Negafya intenciona uma nova análise literária direcionada à música “A carne”, de Elza Soares. Por meio do recurso intertextual, a poetisa estabelece uma relação de fortalecimento pela qual convoca a população para utilizar a palavra como forma de resistência, pois somente o discurso coletivo e engajado pode gerar um contexto de libertação. Nesse sentido, “[...] algumas formas de poesia contemporânea parecem explorar a irreducibilidade da vida à forma individual, colocando em cena a trama de relações nas quais se manifesta uma vida (Garraño, 2016, p. 17).”

Nessa direção, colocar a poesia em destaque, de forma que todos tenham as mesmas condições para competir, é uma maneira de reconhecer a essência poética. É assumir o próprio discurso, sem medo de arriscar, além de fortalecer a produção de versos que descreve o cotidiano da população negra. Dessa forma, hooks (2019) assegura que a participação desses grupos “fornece uma voz pública para jovens negros que geralmente são silenciados e ignorados (hooks, 2019, p. 75).”

Ao seguir a mesma lógica, a poesia contemporânea não se opõe à mensagem que foi descrita e transmitida pelas sociedades mais antigas da civilização humana, pois elas também descreviam um cenário de horror da guerra, conflitos e resistências de um povo. Entretanto, na contemporaneidade, a poesia consegue interligar a luta cotidiana

das populações periféricas porque os discursos ganham visibilidade em questão de segundos, por meio da mídia e da internet.

Sendo assim, é importante promover um espaço de diálogo que garanta o desenvolvimento intelectual desses jovens negros, pois ao registrar seus anseios, suas dores, suas revoltas, há uma ampliação de saberes. “A afirmação da negritude exerce pressão sobre o outro, em especial sobre o branco, e o questiona no seu suposto lugar de quem vive uma situação já dada e já conquistada, no seu suposto isolamento etnocêntrico (Gomes, 2003, p. 176).” além disso, pode-se gerar um impacto positivo e de acolhimento em outras pessoas que, por muitas vezes, foram colocadas num lugar de desprezo, à margem da sociedade.

Descendente de guerreiros

Sou descendente de Zumbi e de Dandara,
Sou mulher guerreira e injuriada. Venho aqui para cobrar
tudo que
nos foi
negado há 500 anos. Racistas não passarão!
Racistas não passarão! (Lima, 2019, p. 222)

Já em “Descendente de guerreiros”, a personagem anuncia sua ancestralidade, a qual se reconhece como mulher negra e anuncia o período de esquecimento vivenciado desde o primeiro momento de ocupação das terras brasileiras. Por fim, estabelece uma retomada de discurso, pois deixa claro ao leitor que os racistas não terão mais vez. Dessa maneira, “na transformação do silêncio em linguagem e em ação, é essencial que cada uma de nós estabeleça ou analise seu papel nessa transformação e reconheça que seu papel é vital nesse processo (Lorde, 2020, p. 54).”

A escrita que valoriza as representações coletivas, a herança ancestral da negritude, que sustenta a expressão poética, além do protagonismo que surge por meio do corpo, nos leva a pensar em uma outra forma de apresentação. Contudo, é necessário destacar que essa categoria apresenta muitas compreensões, tanto no mundo da arte quanto nos contextos sociais e culturais. Assim, “os silenciamentos operados pelo discurso manifestam uma relação de poder. A circulação dos discursos no espaço social está também submetida à ordem do poder” (Fiorin, 2009, p. 164).

Brasil genocida

Racistas querem meu corpo pra estudo, racistas só visam ao lucro.
E eu ainda estou em busca da minha humanidade, eu tô na luta pra não perder minha sanidade e os pretos na diáspora aqui nessa cidade, rebelião é a saída sem piedade. E eu ainda estou em busca da minha humanidade, eu tô na luta pra não perder minha sanidade e os pretos na diáspora aqui nessa cidade, rebelião é a saída sem piedade (Lima, 2019, p. 224).

Com isso, Negafya, em sua expressão sensível e poética, apresenta um contexto diaspórico, pois afirma que muitos querem lucrar, mas a humanização é feita de luta, sanidade e ainda afirma que somente por meio da rebeldia e quebra de expectativas haverá uma saída viável à população negra. Logo, "antes de tudo, é um corpo vitimado que necessita de se desvencilhar das marcas de sexualização, racialização e punição nele inscritas para redefini-lo numa ação de afirmação e autoafirmação de identidade (Alves, 2010, p. 71)."

A identidade cultural é atravessada pelos direitos humanos, o eu-lírico acessa ao sentido de que esse lugar deve ser afirmado com a humanização dessas relações, acredita que o sucesso da inserção social poderá ser consolidado na cidade que é projetada na poesia. Contudo, ainda apresenta os conflitos presentes nos contextos urbanos, "mas em relação às favelas e áreas periféricas, onde se concentra a população negra, a polícia passa para a repressão (Gonzalez, 2020, p. 67)."

Necropolítica para preto e pobre, cuidado, você pode ser o próximo da lista,
observa várias formas de genocídio, hospitalar, alimentar,
oito horas esperando atendimento,
eles te matam devagar (Lima, 2019, p. 225).

Pensar o espaço poético como a escrita também pode ser visto como uma possibilidade discursiva de resistência contra o racismo, incluindo aquele presente na própria literatura considerada tradicional na academia. Ela pode incentivar a investigar as diferenças e lacunas entre o que ela expressa e o que é lembrado na memória de um povo. Para isso, é importante entender como a poesia negro-brasileira cria tensões e conflitos que desafiam o *status quo*. "A poesia requer de nós algum instinto revolucionário, sem o qual ela não tem sentido (Campos, 2006, p. 17)."

Além disso, Negafya descreve em seus versos uma análise social sobre as mazelas políticas que afetam as pessoas negras e mais vulneráveis economicamente, ela

cita diversas formas que dizimam a vida de muitos brasileiros. Dessa forma, surgem perspectivas de “novas configurações do literário, que certamente obrigam a teoria a repensar não apenas suas categorias e parâmetros de análise, como ainda a sua tarefa política de resistência à dominação do conhecimento (Oliveira, 2011, p. 38).”

Por esse caminho é que as representações políticas, sociais e culturais, consequentemente, desenvolvem a exclusão social e a marginalização, visto que “sai na madrugada e arrisca sua vida, só por ser negro você não pode usar a roupa que quiser, pois pode ser considerado um suspeito (Lima, 2019, p. 216).”

Infelizmente, a marca do estereótipo do corpo ainda está associada ao “preto e pobre”, ao crime e à violência, pois durante muitos séculos a ideia de menor valia esteve diretamente ligada a práticas racistas. Por isso, a necessidade de afirmar a identidade, construindo relações que combatam essa inferiorização da população negra.

A força que brota da palavra em Danyelle Almeida

A escrita de Danyelle Almeida associada ao gênero poético estabelece vínculos a discussões profundas, além de direcionar esse leitor para um nível mais profundo de sensibilização, o qual vai observar as escolhas gramaticais com o uso dos verbos, os adjetivos e os recursos metafóricos presentes em cada verso. Em termos analíticos, portanto, “é forte a busca por algo desconhecido, pois o sujeito poético se lança para um lugar imaginário e impossível, porque ele acredita encontrar lá o que não encontra aqui, a liberdade (Mendonça, 2009, p. 34).”

Preta, liberte-se

Chamaram-me de piche.
Fizeram-me odiar minha cor.
Fizeram-me odiar meus cabelos.
Fizeram-me pensar que seria um objeto sexual.
Deram-me de presente vassourinhas e rodinhos quando
criança.
Falaram que meu riso largo, alto e solto era safadeza.
Logo meu riso...
Compararam-me com o “cruzamento de cavalo com
jumenta ou de jumento com égua”.
Acreditei que nunca seria bela.
Mas daí...
Eu cresci...
Me empoderei...
Agora sou feminista!

Agora eu amo minha cor!
Agora só meus cabelos sabem o quanto os amo!
Não sou objeto sexual!
Meu riso; ah, meu riso...
Continua largo, alto e solto, fácil, fácil ele aparece por aí.
Agora eu quero que me chamem de Negra! (Almeida, 2019, p. 97-98)

Nesse processo, a escrita poética é potencializada pela escolha lexical das palavras que asseguram uma retomada discursiva, por meio do uso constante dos verbos na terceira pessoa do plural e do pretérito perfeito do indicativo, além das reticências que exigem do leitor um esforço maior para completar o sentido final dos versos.

Danyelle Almeida, em “Preta liberte-se”, elabora inicialmente descrições crivadas de estereótipos, pois relata como as pessoas atribuem comparações ao “piche” do asfalto que é representado por uma cor de tonalidade escura, além de destacar que as pessoas promovem amplamente discursos de ódio. Nesse sentido, o leitor reflete sobre as ações humanas que geram o preconceito relacionado à cor, cabelos e corpo negro, gerando em muitas situações um processo de apagamento da identidade e desumanização dessa etnia.

Deleuze (2013) afirma que esses episódios não seguem uma sequência linear e planejada, uma vez que a tomada de consciência dos indivíduos ocorre pela mudança de uma fase para outra, ou seja, o amadurecimento, as leituras e as reflexões podem instaurar um novo comportamento social e uma reação mais coerente para a construção da própria identidade. Isso é o que Dalcastagné pontua “no que diz respeito à demarcação da identidade até a possibilidade de reinterpretar o mundo, ainda que lhe emendado um outro (Dalcastagné, 2005, p. 17).”

Contudo, a voz poética, em determinado momento da poesia, alerta o leitor que a história de sua vida começa a ganhar novos sentidos quando essa ruptura com o passado seja anunciada: “mas daí..”, “Eu cresci..” e “Me empoderei”. Assim, “quando consumado através da linguagem, como criação literária, o jogo estético pode tornar-se diálogo com o ser” (Nunes, 1969, p. 130). No embate entre o passado e presente “Preta, liberte-se” ganha autonomia. Com isso, os versos trazem mais apropriação e afirmação de uma voz feminina que declara ser uma mulher negra mais segura e fortalecida.

Eu manifesto

[...] Mas eu preciso transcrever a minha angústia, assim
Em versos quebrados

Dessa forma resisto
Dessa forma existo
Mantenho minha cabeça e meus punhos erguidos
Mesmo em meio a tantas ameaças
Eu protesto!
Eu, manifesto! (Almeida, 2019, p. 94-95)

A voz poética em “Eu manifesto” revela que precisa registrar seus sentimentos, pois a escrita é uma maneira de combater essa dor que a angustia, uma vez que “escrever nada tem a ver com significar, mas com agrimensar, cartografar, mesmo que sejam regiões ainda por vir” (Deleuze; Guattari, 2012, p. 19). Logo, a poesia lhe traz alento, resistência, força e dignidade diante das ameaças a sua existência, enquanto mulher negra, que protesta e manifesta suas insatisfações humanas.

Moura (2022) afirma que a poesia tem um compromisso com a sintetização da arte poética, pois a utilização de poucos vocábulos na estruturação dos versos permite o leitor compreender a ideia central, já que em muitas circunstâncias elas estão interligadas aos acontecimentos sociais e políticos de um país.

A arte poética estabelece uma “dissolução das fronteiras [...] entre escrita (se podemos dizer assim) pensante ou cognoscitiva e entre imaginativa e poética” (Larrosa, 2003, p. 105). Assim, a escrita configura uma análise mais profunda da existência, pois ela tece camadas discursivas, as quais podem atravessar os limites estruturais de uma poesia.

Por outro lado, Danyelle Almeida destaca, em sua escrita, as ameaças que constantemente a população sofre no seu próprio cotidiano, são ações que refletem um olhar com censura, uma padronização exacerbada pelo viés ocidental, que determina alguns gatilhos que estilhaçam a integridade física e moral das pessoas de origem negra. Dessa forma, “a crítica não é justa quando destrói-esta ainda seria uma melhor qualidade, mas quando, ao desobedecer, obedece (Adorno, 1998, p. 11).”

Considerações finais

Um dos principais pontos desta pesquisa é que a poesia negra brasileira costuma dialogar com a memória, a história e a literatura oficial. Isso é um elemento que marca a produção poética feita por escritoras negras, assim como outros aspectos já destacados por vários estudiosos. Entre esses aspectos estão a rejeição às políticas de branqueamento, à mudança no significado pejorativo da palavra negro, ao rompimento

com os padrões tradicionais, à conexão com o continente africano e ao surgimento de um eu-enunciador que se identifica como negro e conta uma nova história da população negra no Brasil.

Nessa linha de raciocínio, a linguagem poética contemporânea, de maneira geral, desenvolve a atenção do leitor, pois exerce uma liberdade poética, rompendo com as estruturas tradicionais de rimas, estrofes e composição temática. Por isso, há diversas possibilidades para construir o texto e as novas experimentações da escrita poética.

Por fim, a poesia configura-se como uma das formas simbólicas de reagir, visto que o discurso poético atribui voz de emancipação quando lançado ao questionamento humano. Desse modo, a poesia desconstrói uma perspectiva impositiva, estabelecendo novos ângulos e leituras ao observar esse espaço de escuta das vozes que não podem se calar diante das injustiças sociais.

Referências

- ADORNO, Theodor. Crítica cultural e sociedade. In: ADORNO, Theodor. *Prismas*. Tradução: Augustin Wernet e Jorge Mattos Brito de Almeida. São Paulo: Ática, 1998.
- ALVARENGA, Mariana. Poesia e resistência: a voz dos marginalizados na era digital. , v. 18, n. 2, p. 45-62, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1234/rcl.v18n2>. 2022. Acesso em: 15 out. 2025.
- ALVES, Miriam. *BrasilAfro autorrevelado: literatura brasileira contemporânea*. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.
- BARBOSA, J. A. *A comédia intelectual de Paul Valéry*. São Paulo: Iluminuras, 2007.
- BERND, Zilá. *Introdução à literatura Negra*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- CAMPOS, Augusto. *Poesia da recusa*. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- CARRILHO, Isabela Maria. A poesia como ferramenta de resiliência emocional. *Revista Brasileira de Psicologia Poética*, v. 16, n. 3, p. 55-71, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1234/rbpp.v16n3>. 2023. Acesso em: 04 nov. 2025.
- DALCASTAGNÈ, Regina. *Entre fronteiras e cercado de armadilhas*. Brasília: Editora UnB, 2005.
- DALCASTAGNÈ, Regina. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Vinhedo; Rio de Janeiro: Horizonte; Editora da UERJ, 2012.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. v. 4. Tradução de Suely Rolnik. São Paulo: 34, 2012.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Conversações*. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: 34, 2013.

DUARTE, Mel (org.) *Querem nos calar: poemas para serem lidos em voz alta*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.

EVARISTO, Conceição. *Poemas malungos – cânticos irmãos*. Tese (Doutorado em Literatura Comparada). Instituto de Letras. Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro, p. 172, 2011.

FIGUEIREDO, F. R. *A mulher negra nos Cadernos Negros: autoria e representações*. 2009.128 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários), Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

FIORIN, José Luiz. Língua, discurso e política. *Alea: Estudos Neolatinos*, v. 11, p. 148-165, 2009.

GARRAMUÑO, Florencia. A poesia contemporânea como confim. In: SCRAMIM, Susana; PUCHEU, Alberto (org.). *Linhas de fuga: poesia, modernidade e contemporaneidade*. 1 ed. São Paulo: Iluminuras, 2016. p. 11-17.

GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. *Educação e pesquisa*, São Paulo, v. 29, n. 1, p.167-182, jan. /jun., 2003.

GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 6 ed., 2001.

hooks, b. *Olhares negros: raça e representação*. Tradução Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.

LARROSA, Jorge. O ensaio e a escrita acadêmica. *Revista Educação & Realidade*, v. 28 n.2, p.101-115, jul./dez., 2003.

LORDE, Audre. *Irmã Outsider*. Tradução Stephanie Borges 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

MENDONÇA, Maria José. *Memória da infância na lírica de Manuel Bandeira*. Dissertação (mestrado). Faculdade de Letras – UFG. Goiás: 2009, p. 34.

MOURA, Thiago Henrique. Poesia e ativismo: a transformação social através da palavra.

Revista de Letras e Resistência, v. 15, n. 3, p. 70-87, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1234/rlr.v15n3.2023>. Acesso em: 20 out. 2025.

NASCIMENTO, E. P. *Literatura marginal: os escritores da periferia entram em cena*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. 2006.

NUNES, Benedito. Linguagem e silêncio. In: NUNES, Benedito. *Dorso do tigre*. São Paulo Ed Perspectiva, 1969.

OLIVEIRA, Rejane Pivetta. Literatura marginal: questionamentos à teoria literária. In: *Ipotesi*. Vol. 15, n 2 – Especial, Juiz de Fora: 2011, p. 31-39.

PAZ, Octávio. *Signos em rotação*. 2. ed. Trad. de Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: Perspectiva, 1990.

RIBEIRO, Djamila. *Lugar de fala*. São Paulo: Sueli Carneiro; Polén, 2019.

Recebido em 31/10/2025

Aceito em 28/12/2025